

REVISTA DE GVIMARÃES

publicação da sociedade martins sarmento

Volumes 126/127

GUIMARÃES
2018

As jóias proto-históricas da Sociedade Martins Sarmento. Guimarães (Norte de Portugal)

Carla Maria Braz Martins¹

Resumo

A Sociedade Martins Sarmento em Guimarães é detentora de um conjunto extraordinário de peças em ouro e prata adquiridas ao longo dos tempos. Este trabalho incide sobre algumas jóias desse espólio pertencentes ao período Proto-Histórico, designadamente as do tesouro de Gondeiro, Amarante, bracelete da Cantonha, Guimarães, tesouro de Lebução, Valpaços, arrecadas de Briteiros, Guimarães e o bracelete do Monte da Saia, Barcelos. A maioria das peças encontra-se desprovida de um contexto arqueológico, com excepção das arrecadas de Briteiros exumadas numa conjuntura funerária (incineração), o que constitui uma limitação à sua datação. Apesar de tudo, os métodos de fabrico e decorações com as respectivas influências continentais ou mediterrânicas permitem atribuir-lhes uma cronologia, produto de comunidades que lhes conferiram um cunho local muito original. Estas peças de ourivesaria de valor material elevado, atendendo à matéria-prima ouro, são ainda mais importantes pelo valor intrínseco cultural que transportam.

Palavras-chave: Jóias, Ouro, Proto-História.

1. Introdução

A Sociedade Martins Sarmento, localizada em pleno Centro Histórico de Guimarães, concelho de Guimarães, distrito de Braga, ao longo dos anos foi adquirindo todo um conjunto de peças

¹ Universidade do Minho/Lab2 PT (carlamariabrazmartins@gmail.com).

em ouro, de extraordinária beleza, considerando-se neste trabalho apenas as pertencentes ao período Proto-Histórico.

Assim, foram consideradas as jóias do tesouro de Gondeiro, concelho de Amarante, distrito do Porto, o bracelete de Cantonha, concelho de Guimarães, distrito de Braga, as peças do tesouro de Lebução, concelho de Valpaços, distrito de Vila real, as arrecadas da Citânia de Sanfins, concelho de Guimarães, distrito de Braga, e, finalmente, o bracelete do Monte da Saia, concelho de Barcelos, distrito de Braga, cuja aferição cronológica ainda hoje é problemática (Figura 1).

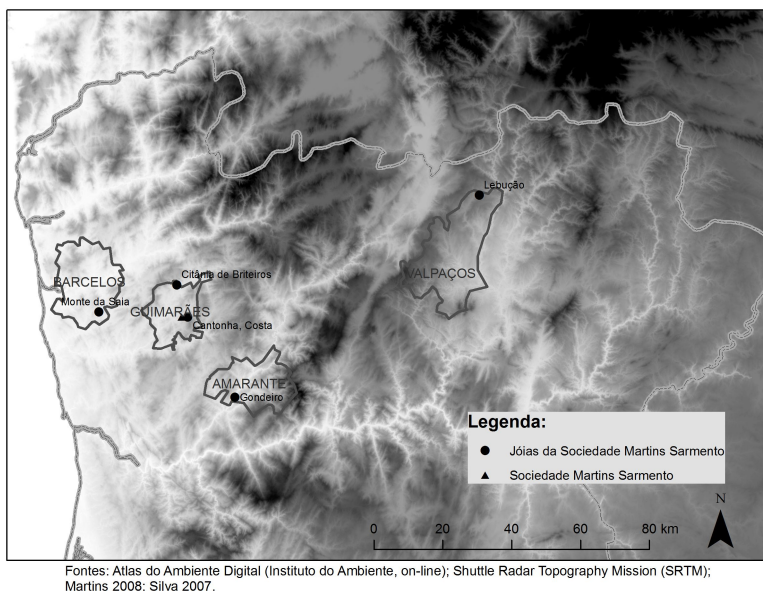


Fig. 1 – Localização da Sociedade Martins Sarmiento e proveniência das jóias em estudo.

A ourivesaria desde sempre constituiu um grande atractivo para o Homem, especialmente se a matéria-prima utilizada for um metal nobre, como o ouro e prata. Contudo, independentemente do seu suporte físico, ela é sempre uma manifestação artística, um «reflexo de um estilo, de uma cultura, de um povo» (Cardozo, 1967: 4). Mais ainda é, porventura, e acima de tudo, um adorno pessoal criação humana imbuída de todo um conjunto de valores

estéticos resultantes da encruzilhada de emoções, história, sentimentos e cultura de quem a criou.

Cada uma das peças estudadas para além do deleite visual acabam por cumprir outras funções: comunicação, pois é produzida com um propósito; quotidiano, já que uma jóia para além de decorativa pode ter um papel prático e funcional; e espiritualidade, se interligada com a religião ou culto dos mortos, como será o caso das arrecadas de Briteiros, únicas peças exumadas em contexto arqueológico e em sepultura de incineração.

Uma jóia, independentemente dos tempos (Figura 2), será sempre uma expressão pessoal, comportando por vezes fins político-sociais, quando certas tipologias associadas à matéria-prima usada, com particular destaque para o ouro, poderão ser elementos de diferenciação de tribos/povos/categorias sociais e mesmo de qualidades como a destreza, valentia (Martins, 2010).

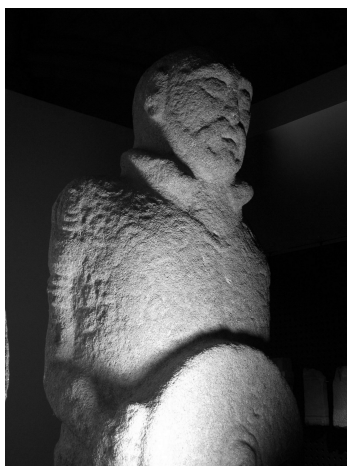


Fig. 2 – Estátua do guerreiro de Lesenho, Boticas, com torques e viria (depósito: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa).

2. Jóias da 1.^a Idade do Ferro

Este período compreendido entre 700-500/450 a.C. apresenta uma clara dualidade de influências. Por um lado centro-europeias, ao nível das formas e motivos decorativos Hallstáticos, assim como

novas técnicas de trabalho da ourivesaria – estampilhado, repuxado sobre matriz e punção; por outro lado, influências mediterrânicas e orientais, no que respeita aos motivos decorativos e às técnicas – solda, filigrana e granulado. Pertencentes a este período são as peças do tesouro de Gondeiro, Amarante, e o bracelete da Cantonha, Guimarães (Tabela 1).

Tabela 1: Dimensões (máximas) das peças da 1.^a Idade do Ferro.

1. ^a Idade do Ferro		Comprimento (mm)	Largura (mm)	Espessura (mm)	Altura (mm)	Diâmetro (mm)	Peso (g)
Tesouro de Gondeiro	<i>Torques 1</i>	320	-	5/6,5	-	-	75,5
	<i>Torques 2</i>	305	-	5	-	-	65
	Aro 1	240	-	-	20	28	20
	Aro 2	78	25	-	-	29	10
Cantonha	Bracelete	-	-	-	-	70	230,9

2.1. Tesouro de Gondeiro, Amarante

Este tesouro datado do séc. VII/VI a.C.² é constituído por dois torques e duas peças, normalmente interpretadas como braceletes, em espiral (Figura 3 e Tabela 1).

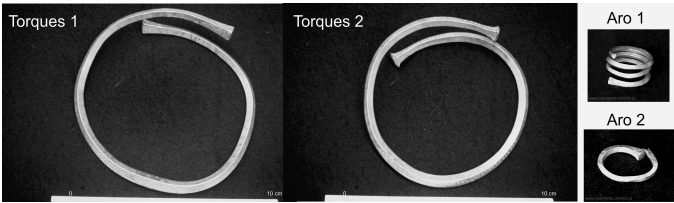


Fig. 3 – Tesouro de Gondeiro, Amarante.

Os torques exibem aros abertos, de secção quadrangular, adelgaçando em direcção aos terminais que se espessam em botão. As duas peças comportam aros decorados, um com motivos em espinha a pontilhado, estampados com uma matriz de oito dentes, e o outro com puncionamento de pequenas circunferências em repetição linear simples.

² (Pinho, 1929: fig. 1 e 3; López Cuevillas, 1951: 60; Harrison, 1977; Silva, 1986: 484-485 e 544; Martins, 2000; Silva, 2007: 347 n.º 491 e 492).

Os dois aros apresentam secção quadrangular, sendo que o aro 2 poderá ser uma peça resultante da segmentação do aro 1.

2.2. Cantonha, Guimarães

Este exuberante bracelete datado do séc. VII a.C. é composto por dois aros abertos maciços, de secção circular, entre os quais se encontra uma placa com decoração plástica do tipo Villena-Estremoz, apresentando motivos geométricos (losangulares e triangulares), e espigões³. Os terminais dos aros culminam em campânulas com um espigão no seu interior (Figura 4 e Tabela 1).



Fig. 4 – Bracelete de Cantonha, Guimarães.

³ (Mélida, 1929: 234, fig. 125; Jalhay, 1931: est. VIII, fig. 32-33; Heleno, 1935: 252-254, fig. 12, est. VIII, fig. 32 e 33; López Cuevillas, 1951: 64-65, fig. 45; Becatti, 1955: n.º 494, est. 139; Blanco Freijeiro, 1957: 28; Cardozo, 1957a: est. XIII, fig. 24; Cardozo, 1965: est. VIII, 2; Almagro Basch, 1969: 283, fig. 5, est. 5; Cardozo, 1971: 245; Almagro-Gorbea, 1977: 32-34; Parreira, 1980: 14, n.º 64; Hartmann, 1982: Au 2737; Coffyn, 1985: pl. 68, n.º 5; Silva, 1986: 256, n.º 518, est. CXVI, 9, 9A-9C; Silva, 1988: 80, fig. 3; Ruiz-Galvez Priego, 1989: 52; Pingel, 1992: 288, n.º 233, est. 100, 4; Silva e Gomes, 1992: 292, fig. 8-6; Armbruster e Parreira, 1993: 142-143; Silva, 1993: 292, fig. 8-6; Armbruster e Perea, 1994: 75, lam. II; Silva, 1995: 104; Armbruster, 1995: 161, lam. IX; Silva, 2007: 361 n.º 535; Martins, 2008: 76).

3. Jóias da 2.^a Idade do Ferro

Neste período, sensivelmente de 500/450 a.C. até à conquista romana, o trabalho do ouro caracteriza-se por uma maior mestria e domínio de técnicas, apesar de no Norte do País quase desaparecerem os repuxados, granulados e filigranas, em contraposição com a acentuada estética decorativa continental, designadamente com a utilização de práticas como a incisão e estampilhagem, e motivos geométricos.

Verifica-se também uma racionalização da matéria-prima que se consubstancia numa tendência para a produção de peças com menores dimensões, comparativamente com as do período anterior, emprego de ligas com elevado teor de prata e mesmo substituição do ouro de algumas partes da jóia por outros metais que posteriormente seriam revestidos.

Neste contexto cronológico englobam-se as peças pertencentes ao tesouro de Lebução, Valpaços, as arrecadas da Citânia de Briteiros, Guimarães, e o bracelete do Monte da Saia, Barcelos (Tabela 2).

Tabela 2: Dimensões (máximas) das peças da 2.^a Idade do Ferro.

2. ^a Idade do Ferro		Comprimento (mm)	Largura (mm)	Espessura (mm)	Altura (mm)	Diâmetro (mm)	Peso (g)
Tesouro de Lebução	<i>Torques 1</i>	277	-	-	34,5 (terminal)	147	199
	<i>Torques 1</i>	277	-	-	34,5	147	199
	<i>Torques 2</i>	287	-	10,6	-	-	-
	Terminal S	-	-	7	22,5	20	5
	Terminal carenado	-	-	7	21	17	5
	Bracelete	350	-	-	75	110	110
Citânia Briteiros	Arrecadas	-	17	-	68	-	8,8
Monte da Saia	Bracelete	210	-	-	33	65	120

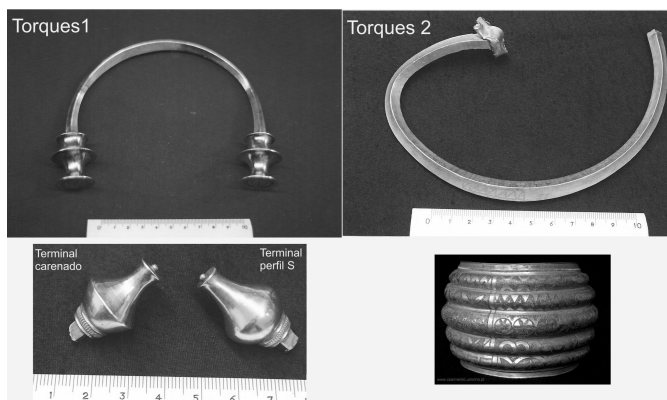


Fig. 5 – Tesouro de Lebução, Valpaços.

3.1. Tesouro de Lebução

Este tesouro é constituído por dois torques, dois terminais de torques, pertencentes a diferentes peças, e um opulento bracelete datados do séc. V/II a.C.⁴ (Figura 5 e Tabela 2).

Os dois torques detêm aros abertos maciços, de secção quadrangular, com terminais ocios em dupla escócia. A peça que se encontra fragmentada é composta na parte central do seu aro por motivos rectangulares, quadrangulares e triangulares. A jóia completa comporta nos topos dos terminais uma decoração vegetalista, designadamente rosetas hexagonais rodeadas por círculos entrecruzados e inscritos em linhas pontilhadas.

Os dois terminais ocios, que fariam parte de dois torques com tipologias diferentes, apresentam um perfil carenado e em S, ambos em forma de urna, com bases em fisionomia de gomos, cujos topos terminam com uma pequena esfera. Curiosamente, estas duas peças contêm no seu interior uma areia ou pequeno grânulo, que emitiria som quando o indivíduo usasse a peça.

O bracelete que termina este conjunto é composto por uma única peça cilíndrica com cinco caneluras horizontais profusamente

⁴ (Severo, 1908; López Cuevillas, 1951: 33-34; Cardozo, 1957a; Blanco Freijeiro, 1957; Raddatz, 1969: 197; Silva, 1986: 250 n.º 399, 248 n.º 490 e 491; Pingel, 1992: 304; Prieto, 1996: 220; Ladra, 2002: 48-51; Silva, 2007: 349 n.º 499 e 500, 354 n.º 515; Martins, 2008: 97-99).

decoradas a cinzel com motivos geométricos e florais estilizados, e que se subdividem em secções.

3.2. Citânia de Briteiros, Guimarães

As arrecadas datadas do séc. II a.C./I d.C.⁵ são constituídas por três partes: a superior é uma lâmina dobrada em estribo cujos lados são triangulares, decorados com filigrana, granulado e polvilhado; a parte média é cilíndrica oca, com motivos em S, granulado e filigrana; e finalmente a parte inferior é em cone invertido rematado por uma esfera (Figura 6 e Tabela 2).

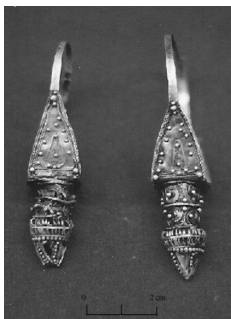


Fig. 6 – Arrecadas da Citânia de Briteiros.

3.3. Monte da Saia, Barcelos

O bracelete em questão (Figura 7 e Tabela 2) ainda hoje apresenta uma cronologia problemática, subdividindo-se as opiniões entre Bronze Médio (Sampaio, 2011) e 2.^a Idade do Ferro (Silva, 1986: n.º 523; 2007: 362, n.º 539). Claro está que o contexto arqueológico do local do achado, tendo em conta que se trata de um achado fortuito (Cardozo, 1957b), também não ajuda pois apresenta uma sequência ocupacional desde o Neo-Calcolítico até à 2.^a Idade do Ferro e mesmo romanização (Sampaio, 2011: 43).

⁵ (Cardozo, 1938: 35-42; Teixeira, 1946: 171-172; López Cuevillas, 1951: 75-76, fig. 51; Cardozo, 1956: fig. 6; Blanco Freijeiro, 1957: 292-293, lam. XXII; Cardozo, 1957a: est. XVII, fig. 35; Cardozo, 1965: fig. 16; Valverde, 1973: 322; Hartmann, 1982: Au 2888 e Au 2889; Pérez Outeiriño, 1982: 48-52, lám. VIII; Silva, 1986: 263, n.º 538 e 539, est. CXVIII, 13 e 14; Pérez Outeiriño, 1989: 103; Pingel, 1992: 287, n.º 227, est. 100, 6; Silva, 2007: 370 n.º 555 e 556; Martins, 2008: 77 n.º 02).

No entanto, esta peça comporta características tipológicas e estilísticas que a permitem inserir no âmbito cronológico em causa.

O bracelete é constituído por uma única peça cilíndrica, com três caneluras horizontais entre as quais se observam zonas lisas com punção de pequenos círculos.



Fig. 7 – Bracelete do Monte da Saia, Barcelos.

4. Métodos de fabrico e decorativos

O método de fabrico utilizado na maior parte das peças estudadas é o da cera perdida, que permite a produção de novas peças e/ou a reprodução a partir de uma peça já existente (Tabela 3). Este método pressupõe a criação de uma peça em cera, que posteriormente será revestida por argila — molde, no qual se deixam duas perfurações (jitos), uma para entrada do metal fundente, a outra para a saída da cera derretida (Figura 8).

As diferentes partes constituintes de uma mesma peça, assim como elementos decorativos em filigrana e em granulado, pressupõem o uso da solda como elemento de junção. A solda, normalmente em liga ternária — ouro, prata e cobre, permitindo pontos de fusão mais baixos do que os das peças a unir, terá começado a produzir-se no IV^o milénio a.C. no Oriente, desenvolvendo-se a partir do III^o milénio a.C. no Egipto (Nicolini, 1990: 165; Martins, 2008: 51). Em relação aos métodos de decoração nas peças estudadas estão patentes:

- o repuxado é uma das técnicas mais antigas que consiste em trabalhar as finas lâminas de ouro pelo reverso de modo a imprimir-lhes a decoração desejada, manejando habilmente cinzéis e buris (Nicolini, 1990: 187-188; Martins, 2008: 57), visível nos terminais de torques do tesouro de Lebução;
- técnicas de incisão e de puncionamento, ambas elaboradas pelo anverso da jóia, utilizando a primeira os buris em sílex e cinzéis para gravar/desenhar, como se de um lápis se tratasse, como por exemplo no bracelete da Cantonha e no torques deformado de Lebução, e a segunda usando matrizes, como se pode ver no bracelete da Cantonha (Martins, 2008: 57), aros dos torques de Gondeiro e bracelete do monte da Saia;
- a filigrana, técnica de enrolar e entrançar finos fios de ouro, normalmente torcidos manualmente entre duas tábuas de madeira — torçal; é assim que se obtêm os reconhecidos SSS, espirais e rodilhões (T), e com que se debruam e rematam interiores e exteriores de arrecadas, tal como o trabalho patente nas arrecadas de Briteiros (Martins, 2008: 53); este método era conhecido no Egipto

Tabela 3: Métodos de fabrico das peças em estudo.

		Cera perdida	Reprodução a partir de peça existente	Torno horizontal	Solda	Filigrana	Granulado polvilhado
Tesouro Gondeiro	<i>Torques 1</i>	X			X		
	<i>Torques 2</i>	X(?)		X			
	Aro 1	X					
	Aro 2	X					
Cantonha	Bracelete	X		X	X		
Tesouro Lebução	<i>Torques 1</i>	X		X	X		
	<i>Torques 2</i>	X		X	X		
	Terminais	X		X	X		X
	Bracelete	X		X			
Citânia Briteiros	Arrecadas				X	X	X
Monte da Saia	Bracelete	X		X			

no início do III^o milénio a.C. e em Ur, na Suméria por volta de 2600/2500 a.C. (Nicolini, 1990: 60 e 69; Martins, 2008: 53);

- o granulado é uma técnica que consiste na produção de pequenas esferas, normalmente maciças, que são posteriormente soldadas à peça, tal como é observável nos terminais dos torques de Lebução e arrecada de Briteiros; foi largamente desenvolvida pelos egípcios ao longo do Médio Império, 2040-1786 a.C., (Rosenthal, 1973; Martins, 2008: 54-55);

- o polvilhado deriva da técnica do granulado, em que as esferas obtidas têm de tal forma dimensões diminutas que dá a sensação de “pó”, como se verifica nas arrecadas de Briteiros (Martins, 2008: 57).

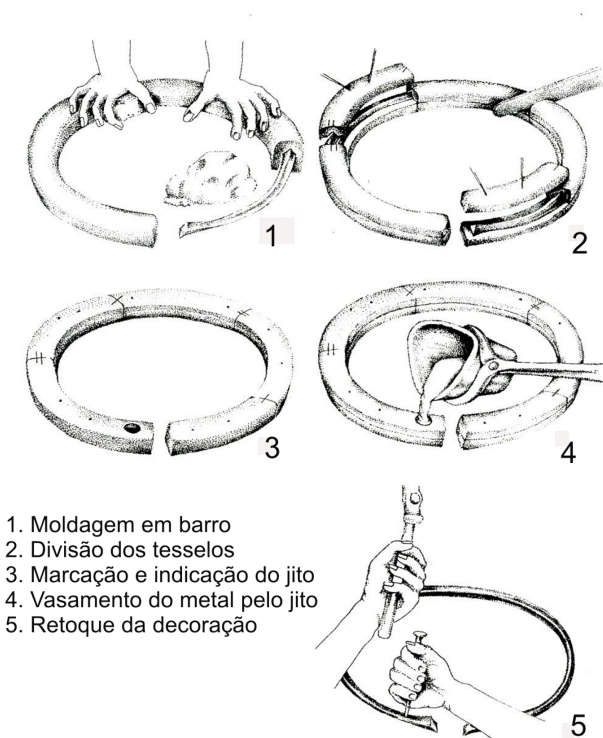









Fig. 8 – Exemplo do método de cera perdida tomando como base um dos torques de Gondeiro (Martins, 2000).

Os motivos geométricos patentes nas jóias são variados, compreendendo composições geométricas e florais, sendo que os mesmos motivos aparecem no Mediterrâneo/Oriente com cronologias mais antigas (Tabela 4).

Tabela 4: Motivos decorativos

Decorações Motivos		Paralelos Proveniência	Paralelos Cronologia	Peças SMS
Geométricos (linhas paralelas, reticulados, losângulos, esquemas triangulares)		Oriente	Vº milénio a.C.	Bracelete de Lebução
Círculos (simples / duplos)		Oriente (Anatólia)	2ª metade do IIIº milénio a.C.	Torques de Lebução
Motivos em S		Ur	2065-1955 a.C.	Bracelete de Lebução
Meandros e motivos ondulares		Ur	2500-2350 a.C.	Arrecadas de Briteiros
Motivos rectangulares, linhas quebradas formando gregas		Mesopotâmia	Vº milénio a.C.	Bracelete de Lebução
Pétalas e rosetas		Suméria	Vº milénio a.C.	Terminais dos torques de Lebução Bracelete de Lebução
Flor de lótus		Egipto	2494-2345 a.C.	Bracelete da Cantonha

5. Considerações finais

Ao longo da Idade do Ferro, com particular incidência na II^a Idade do Ferro, apesar da existência de comunidades com uma estrutura social igualitária, há um gradual afrouxamento nos mecanismos de troca e desaparecimento dos chefes (Alarcão, 1992), traduzindo-se em duas correntes interpretativas distintas: por um lado a ourivesaria pode ser vista como um bem comunitário, um investimento colectivo, ou pode ser tida como um bem de prestígio e distinção (Perea Caveda, 2003: 140-141). Segundo A. Perea Caveda (2003: 148) certas jóias, como por exemplo os torques, poderão eventualmente não ser para uso/ostentação, mas sim para uma garantia económica, justificando assim o seu ocultamento no seguimento das políticas inter-grupos.

Deste modo, a produção de ourivesaria, independentemente de autoconsumo ou para trocas locais/inter-regionais, é muito variada em termos de tipologias, tendo-se apresentado neste estudo torques, braceletes e arrecadas, que poderão ter tido um uso masculino, feminino ou ritual. Salienta-se que no centro da Europa, La Tène, desde meados do séc. V a.C. que são exumados torques em túmulos femininos (Castro Pérez, 1990), apesar de no Norte de Portugal se continuar a insistir na associação com a estatuária — estátuas de guerreiros, com cronologias normalmente a partir de meados do séc. II a.C. (Sastre Prats, 2008: 1027).

Os elementos decorativos patentes nas jóias não são exclusivos deste tipo de fabrico, manifestando-se também nas produções cerâmicas, em bronzes e em elementos arquitectónicos, como os que podem ser observados na Figura 9, em depósito no Museu da Cultura Castreja, em Briteiros, pertencente à Sociedade Martins Sarmento.

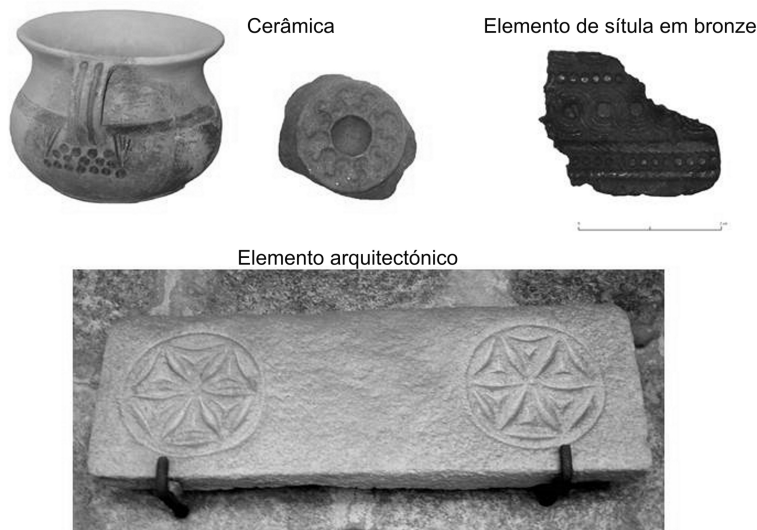


Fig. 9 – Elementos decorativos em cerâmicas, bronzes e elementos arquitectónicos existentes no Museu da Cultura Castreja em Briteiros.

Os belos exemplares de ourivesaria proto-histórica existentes na Sociedade Martins Sarmento são um produto de uma comunidade e também o reflexo de uma distinção, que apesar de uma uniformização de formas e decorações permite a identificação de grupos e a própria diferenciação dentro do grupo.

Bibliografia

- Alarcão, Jorge (1992). A evolução da cultura castreja. *Conímbriga*, 31.
- Almagro Basch, Martín (1969). De orfebrería céltica, el depósito de Berzocana y un brazalete del Museu Arqueológico Nacional. *Trabajos de Prehistoria*, 26.
- Almagro-Gorbea, Martín (1977). *El Bronce Final y el período orientalizante en Extremadura*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Español de Prehistoria, Madrid.
- Armbruster, Barbara R. (1995). Nueva luz sobre la tecnología de la joya de Sintra (Lisboa): una obra de la orfebrería del Bronce Final compuesta de los tipos Sagrajas/Berzocana y Villena/Estremo. *Trabajos de Prehistoria*, 52: 157–162.

- Armbruster, Barbara R. e Parreira, Rui (1993). *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria. Do Calcolítico à Idade do Bronze*, volume 1. Secretaria de Estado da Cultura/Instituto Português de Museus - Inventário do Património Cultural, Lisboa.
- Armbruster, Barbara R. e Perea, Alicia C. (1994). Tecnología de herramientas rotativas durante el Bonze Final Atlantico. El depósito de Villena. *Trabajos de Prehistoria*, 51(2): 69–87.
- Becatti, Giovanni (1955). *Oreficerie antiche*. Istituto Poligrafico dello Stato, Roma.
- Blanco Freijeiro, A. (1957). Orígen y relaciones de la orfebrería castreña. *Cuadernos de estudos gallegos*, 12(36, 37, 38): 5–28; 137–157; 267–301.
- Cardozo, Mário (1938). Jóias áureas proto-históricas da Citânia de Briteiro. *Revista de Guimarães*, 48(1-3): 35–42.
- Cardozo, Mário (1956). Notícia de duas arrecadas de ouro antigas. *Revista de Guimarães*, 66(3-4): 449–462.
- Cardozo, Mário (1957a). Das origens e técnica do trabalho do ouro e a sua relação com a joalharia arcaica peninsular. *Revista de Guimarães*, 67(1-2): 5–46.
- Cardozo, Mário (1957b). Notícia de uma jóia antiga adquirida pelo Museu de «Martins Sarmento». *Revista de Guimarães*, 67(1-2): 179–184.
- Cardozo, Mário (1965). A metalurgia na Proto-História da Península Ibérica. *Dédalo*, 1(2): 29–49.
- Cardozo, Mário (1967). Elementos bibliográficos para o estudo da joalharia arcaica luso-espanhola. *Revista de Guimarães*, 77(3-4): 329–376.
- Cardozo, Mário (1971). A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães). In *Actas do 2º Congresso Nacional de Arqueologia*, pp. 239–250, Coimbra.
- Castro Pérez, L. (1990). *Os torques prehistóricos*. Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Coffyn, A. (1985). *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Centre Pierre Paris, Diffusion de Boccard, Paris.
- Harrison, J. R. (1977). *The bell-beaker cultures of Spain and Portugal*. American School of Prehistoric Research, Peabody Museum, Harvard University, Cambridge-Massachusetts.
- Hartmann, A. (1982). *Prähistorische goldfunde aus Europa II*. Gebr. Mann Verlag, Berlin.
- Heleno, M. (1935). Jóias pré-romanas. *Ethnos*, 1: 229–257.
- Jalhay, E. (1931). O tesouro do Álamo. *Brotéria*, 12(1): 35–44.
- Ladra, L. (2002). *Ourivesaria, arqueologia e paleoetnologia: a distribuição territorial dos torques áureos da Idade do Ferro do Noroeste Peninsular e*

- as suas relações com as unidades étnicas castrejas*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade do Porto, Porto.
- López Cuevillas, F. (1951). *Las joyas castreñas*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Arqueología y Prehistoria «Rodrigo Caro», Madrid.
- Martins, C. M. B. (2000). Os torques de Gondeiro, Amarante. In *Amarante Congresso Histórico 98 – Actas*, volume III, pp. 313–321, Amarante. Câmara Municipal de Amarante.
- Martins, C. M. B. (2008). *As influências mediterrânicas na ourivesaria proto-histórica de Portugal*. Colección eBooks EDAR. Ediciones EDAR, Barcelona.
- Martins, C. M. B. (2010). Mecanismos de diferenciação na segunda Idade do Ferro. In *Martins, C. M. B. (coord.), Mineração e povoamento na antiguidade no Alto Trás-os-Montes Ocidental*, pp. 61–77. CITCEM, Porto.
- Mélida, J. R. (1929). *Arqueología Española*. Labor, Barcelona.
- Nicolini, Gérard (1990). *Techniques des ors antiques, la bijouterie Ibérique du VII au IV siècle*. Picard, Paris.
- Parreira, Rui (1980). *Tesouros da Arqueologia Portuguesa no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*. Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa.
- Perea Caveda, A. (2003). Los torques castreños en perspectiva. *Brigantium*, 14: 139–149.
- Pingel, V. (1992). *Die vorgeschichtlichen Goldfunde der Iberischen Halbinsel: eine archäologische untersuchung zur Auswertung der spektralanalysen*. Number 17 in *Madridrer Forschungen*. Walter de Gruyter, Berlin.
- Pinho, J. (1929). O tesouro de Gondeiro. *Penha-Fidelis*, 1(10): 182–187.
- Pérez Outeiriño, B. (1982). De ourivesaria castreña, 1. Arrecadas. *Boletín Auriense (Anexo 1)*, 12: 329–335.
- Pérez Outeiriño, B. (1989). Orfebrería castreña. In *El oro en la España prerromana*, Revista de arqueología, pp. 90–107. Zugarto, Madrid.
- Prieto, M. S. (1996). Los torques castreños del Noroeste de la Península Ibérica. *Complutum*, 7: 195–223.
- Raddatz, K. (1969). *Die schatzfunde der Iberischen Halbinsel*. Number 5 in *Madridrer Forschungen*. Walter de Gruyter, Berlin.
- Rosenthal, R. (1973). *Jewellery in Ancient Times*. Cassel, London.
- Ruiz-Galvez Priego, M. (1989). La orfebrería del Bronce Final. El poder y su ostentación. In *El oro en la España prerromana. Revista de Arqueología*, pp. 46–57. Zugarto Ediciones, Madrid.
- Sampaio, H. A. (2011). O papel social das amortizações metálicas na estruturação da paisagem da Idade do Bronze do Noroeste português: os montes da

- Penha (Guimarães) and da Saia (Barcelos). In *Povoamento and exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental*, pp. 31–53. CITCEM, Braga.
- Sastre Prats, I. (2008). Community, Identity, and Conflict: Iron Age Warfare in the Iberian Northwest. *Current Anthropology*, 49(6): 1021–1051.
- Severo, R. (1905-1908). O thesouro de Lebução. *Portugália*, 2(3): 1–14.
- Silva, A. C. F. (1986). *A cultura castreja do Noroeste de Portugal*. Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
- Silva, A. C. F. (1988). Ourivesaria pré-romana do Norte de Portugal. In *Ourivesaria do Norte de Portugal - Exposição (Porto, 1984)*, pp. 73–87. ARPPA-AIORN, Porto.
- Silva, A. C. F. (1993). A Idade do Bronze em Portugal. In *Pré-História de Portugal*, pp. 237–283. Universidade Aberta, Lisboa.
- Silva, A. C. F. (2007). *A cultura castreja do Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Paços de Ferreira, 2ª edição.
- Silva, A. C. F. e Gomes, M. V. (1992). *Proto-História de Portugal*. Universidade Aberta, Lisboa.
- Silva, Isabel (ed.) (1995). *A Idade do Bronze em Portugal, discursos de poder*. Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português de Museus, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- Teixeira, C. (1946). A arte das filigranas nos castros minhotos. *Mínia*, 1(3): 169–174.
- Valverde, J. F. (1973). Ouro nos castros. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 22(3): 307–327.

